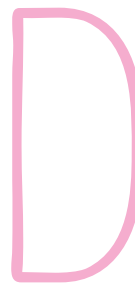


PROFª DRª RAQUEL NORONHA EM ENTREVISTA



Design de Gênero: já ouviram falar? A especialista brasileira em Cultura e Design, Profª Drª Raquel Noronha (Universidade Federal do Maranhão) foi convidada pela *International Gender Design Network e.V. (iGDN)* a integrar sob sua perspectiva pessoal o júri da premiação “iPhiGenia Gender Design Award” em Colônia. Noronha visitou a Alemanha em junho de 2025 e, nessa ocasião, a TÓPICOS lhe fez algumas perguntas sobre esse tema delicado mas abrangente e importante. Confira!

Perguntas feitas por
BERNHARD GRAF VON WALDERSEE

TÓPICOS: Em poucas palavras, como você explica para leigos o que é design de gênero?

PROFª DRª RAQUEL NORONHA: Design de gênero é um posicionamento onto-epistemológico no campo do Design Contemporâneo que busca superar as assimetrias históricas do design, o qual desde sua institucionalização pautou-se em princípios de uma pseudoneutralidade. A meu ver, de fato, há uma pseudoneutralidade, uma vez que o cânone moderno que constitui o design privilegiou – e continua nesse caminho – os referenciais da objetividade, do positivismo e do individualismo que reforçam a ordem “petrossexoracial” do Capitalismo Ocidental, usando o termo acionado por Paul Preciado. Tudo que está fora dessa ordem ideológica e econômica é desvalorizado, invisibilizado e desqualificado. Assim, a neutralidade não existe de fato – o design não é neutro mas muito bem-posicionado e, com isso, extremamente excludente e colonial.

Existe atualmente no Brasil e na América Latina uma consciência generalizada sobre essa questão?

Não diria que é uma consciência generalizada. Somos herdeiros da modernidade do campo do design, nossos currículos foram construídos a partir dos modelos alemães, completamente desconectados da geopolítica e cultura locais. Como diz a socióloga boliviana de origem aimará Silvia Rivera Cusicanqui, é um processo de reprodução colonial no interior das antigas colônias. Mesmo o colonialismo tendo sido superado, a colonialidade – que diz respeito aos efeitos subjetivos da opressão colonial – continua vigente porque as formas de constituição dos corpos colonizados são reproduzidas a partir das práticas de poder nas antigas colônias. A forma que a construção material do mundo ocorre é uma delas, sendo que o design é, privilegiadamente, uma disciplina que constrói o mundo

a partir das materialidades e dos significados que a elas atribui.

Há um movimento forte em algumas instituições, que clamam por um design ontológico, que supere as colonialidades dos saberes e dos seres. Há propostas de práticas decoloniais para o ensino no campo, que dialogam em profundidade com as práticas de design e gênero. Seja no processo da prática do design como profissão, seja na pesquisa em design, é necessário questionar corretamente o que estamos projetando, com quem, para quem, bem como entender que há uma miríade de cosmovisões, especialmente no Sul Global, que se afasta dos anseios ocidentais de conforto, moradia, bem-estar, acesso à educação... são outras formas de viver e de se relacionar com o mundo material... isso sem falar em outras formas de vidas que não as humanas, as que precisamos cuidar. Nosso planeta beira o colapso em função da priorização da ordem capitalista – patriarcal, colonial e racista – em detrimento de outras formas de se relacionar. Precisamos regenerar o planeta sobre outros pilares.

Em 2022 criamos eu, Griselda Flesler, Ana Julia Melo Almeida, Celeste Moretti, Maria Cecília Loschiavo dos Santos, Marco Ferruzca, Carmen Rossette e Elvia Torres, a Rede Latino Americana de Design e Gênero, a ReLADyG, com o intuito de fortalecer as iniciativas de ensino e pesquisa que aconteciam isoladamente. A aproximação dessas pesquisadoras e pesquisadores, e de outras e outros que se aproximaram e integraram a rede desde então, nos traz fortalecimento – porque não, não estamos sós: há um pensamento coletivo, apesar de diverso. Considero isso uma ótima característica da rede, não buscar uma definição ou abordagem específica para o que seja design e gênero – e isso propicia a criação de sinergias e a

comparação de realidades próximas, fortalecendo iniciativas e ajudando na difusão desses conhecimentos.

No Brasil, há diversas pesquisas em andamento. Devo mencionar a disciplina coletiva, interinstitucional, em nível de pós-graduação, envolvendo a UFMA (Universidade Federal do Maranhão), a USP (Universidade de São Paulo), a UFPE (Universidade Federal de Pernambuco) e a UBA (Universidade de Buenos Aires), que ministramos desde 2021 e já recebeu mais de 100 estudantes, dos quais mais de 90% com pesquisas na área de Design e Gênero. Pesquisas de Bibiana Serpa, Guilherme Altmayer, Claudia Zacar, apenas para citar as brasileiras pesquisadoras com quem mais dialogo, são exemplares e já possuem diversos frutos com suas/seus orientandas/os. Podemos dizer que há um interesse e um olhar direcionado ao tema. Os próximos anos são promissores.

Como funciona a articulação ou a troca de perspectivas no âmbito do Gender Design entre a Europa, a América Latina e os EUA? Há uma coordenação estreita?

Estamos nesse processo de construção. Já há iniciativas de colaboração entre a iGDN (*international Gender Design Network*) e integrantes da ReLADyG, onde o nome de Griselda Flesler (Universidade de Buenos Aires) deve ser mencionado como



© Enric Vives-Rubio

importante pessoa da articulação. As integrantes da iGDN também foram ao Brasil, ano passado, quando realizamos o I Encontro da ReLADyG. Conseguimos um projeto de financiamento com a IFA para esse intercâmbio, entre a UFMA e a iGDN. E agora seguimos com essa participação e novas construções coletivas para o II Encontro da ReLADyG. Ele acontecerá em Buenos Aires entre 27 e 29 de maio de 2026, sob a coordenação de Flesler.

Você pretende trazer uma perspectiva brasileira ou latino-americana para o júri do prêmio e, em caso positivo, como pretende fazer isso?

Sim, a presença de pesquisadoras latinoamericanas no júri do *iphiGenia Award* não é nova, e isso ressalta esse olhar para processos de design que não necessariamente resultam em produtos industriais ou são direcionados ao mercado. Vejo que, em geral, as iniciativas disruptivas de design e gênero que vimos empreendendo em nossas pesquisas e projetos no âmbito da ReLADyG são mais no sentido de um design e ativismo. Há materialização de produtos sim, mas o foco é o processo de superação de opressões históricas, que são interseccionais. Não podemos falar em opressões de gênero na América Latina, especialmente no Brasil, que é meu país e do qual tenho dados mais precisos, sem falar de raça, classe e sexualidade, como pontua a antropóloga argentina María Lugones, que cunhou o termo “feminismos decoloniais”.

Creio que esse olhar aciona o gênero como categoria de questionamento das práticas de design, imbuído de observar os padrões de feminismos que são cooptados pelo capitalismo e as abordagens que são extremamente neoliberais. O patriarcado opera dessa forma, provocando inclusões condicionadas a seus padrões, excluindo outras existências (já que invisibiliza as diferenças de sexualidade) e naturalizando o papel “da mulher”, sem considerar outras formas de ser para além da binariedade no planeta. Penso ser esse meu papel na premiação em Colônia, contribuindo assim para a diversidade nos resultados! ●



WWW.E-TOPICOS.DE

Confira este e muitos outros temas em nossa edição 2/2025.